

Lugar na História

Ciclo de Estudos Memória e Herança

Anapuena Havena

ORCID: 0009-0008-0557-3162

HAVENA, Anapuena. Lugar na História: Ciclo de Estudos Memória e Herança. Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em: <https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/lugar-na-historia>.

<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/lugar-na-historia>

Área: Artigos Acadêmicos

Publicado em 18 de março de 2026

Durante muito tempo, um dado importante da minha história familiar permaneceu escondido.

Ao estudar minha origem materna, encontrei recentemente uma informação que até então estava perdida: meu pentavô havia sido um dos fundadores de uma igreja histórica do Ceará, em Laranjeiras, hoje distrito de Banabuiú, cidade do sertão central.

Essa informação nunca esteve em uma conversa de família, não havia história contada, menção alguma. Ela surgiu quando localizei o assento de óbito no livro da igreja, durante uma pesquisa sobre as primeiras famílias que se fixaram no sertão cearense.

Quando encontrei aquele registro, não senti apenas que estava resgatando a história da minha família, mas que estava também descobrindo a história de um lugar e me conectando a ela.

Aquela informação surgia como memória recuperada, como sinal de que aquela família havia passado pelo sertão. Aliás, um nome, quando reencontrado em documentos antigos, deixa de ser um simples nome e se torna marca de presença histórica.

Esse momento ajuda a compreender o sentido desta etapa.

Do nome ao lugar

Nesse ciclo de estudos, passamos pela origem dos sobrenomes que carregamos e buscamos conhecer as nossas raízes, procurando os nomes que formam a base da nossa árvore genealógica.

Percebemos que nossa história não começa em nós. Ela vem sendo tecida ao longo de gerações, por pessoas que não conhecemos, em lugares que muitas vezes nem imaginamos que existem.

Damos um passo a mais. Já temos os nomes; agora, precisamos perguntar onde essas vidas aconteceram e de que modo atravessaram seu tempo.

Ao perguntar “onde?”, abrimos uma porta para compreender uma vida: o território passa a ser lido como documento.

Toda vida humana se desenvolve em algum espaço concreto. Há vidas marcadas pelo sertão, outras pelo litoral. Algumas se formam em cidades, outras em povoados, fazendas e vilas. O lugar não é apenas pano de fundo. Ele condiciona possibilidades, impõe limites, oferece recursos, molda experiências.

O tipo de trabalho disponível, a presença ou ausência de escola, a força da religião, o valor da terra, a relação com a seca ou com as enchentes, os vínculos sociais: tudo isso participa da construção de uma trajetória. Por isso, quando escolhemos uma pessoa da árvore para estudar com mais atenção, estamos procurando mais do que informações geográficas. Estamos tentando compreender o mundo em que aquela pessoa viveu.

No caso da minha família paterna, o lugar é Quixeramobim, no sertão do Ceará. O primeiro Castro a se estabelecer ali nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, e havia se mudado com os irmãos para Pernambuco, importante centro educacional da época. Depois, acabou migrando para o Ceará, onde foi capitão de ordenanças e, em alguns documentos, aparece citado como coronel licenciado. No Ceará, adquiriu grande poder político e

foi também um opulento fazendeiro e, no sertão do século XIX, isso significava uma posição muito concreta: terra, gado, prestígio, poder de decisão.

A família se enraizou naquele chão. Os filhos, os netos, os bisnetos continuaram no mesmo lugar, herdando não apenas o nome, mas a posição social e o vínculo com aquele território.

As secas recorrentes do sertão nordestino acontecem de forma intensa e transformam rapidamente paisagens inteiras, dissolvem economias e forçam famílias a se reorganizar. E o que um dia havia representado poder e permanência para os primeiros Castros foi, geração após geração, sendo corroído pelas dificuldades.

Quando chegamos à geração da minha avó, já estávamos diante de uma família simples, de agricultores e donos de um pequeno engenho. A terra continuava ali. O que havia mudado era o que ela significava e o que ela era capaz de sustentar.

Esse foi o contexto em que meu pai nasceu. Mas, como já havíamos conversado antes, nem tudo o que herdamos precisamos continuar. Compreendemos a bagagem que recebemos, honramos os esforços de quem viveu antes de nós, mas cabe a cada um de nós escolher o que queremos passar adiante.

Meu pai decidiu deixar o sertão para estudar, e saiu de lá num tempo em que tudo era muito difícil, quando mudar era considerado loucura, uma aventura. Quando deixar a terra, a família e o lugar de origem exigia uma coragem que a maioria não tinha, porque não havia garantia nenhuma de

vitória. Não se sabia exatamente o que iria encontrar "lá fora", já que o mundo conhecido até então estava limitado ao lugar onde se tinha nascido. A visão de mundo era completamente limitada.

Foi meu pai quem quebrou o ciclo. Não no sentido de negar o que veio antes, mas no sentido de abrir um caminho que ninguém da família dele havia percorrido: tornou-se o primeiro a se formar, e justamente em Medicina, o curso mais concorrido, em uma época em que havia apenas uma faculdade no estado.

Um agricultor que decidiu ser "doutor" e teve de fazer supletivo, pois estava completamente atrasado nos estudos. Aprendeu matemática e física sozinho e, mesmo diante de inúmeras dificuldades, conseguiu passar em 7º lugar no vestibular de Medicina, em um tempo em que os livros não alcançavam o sertão. E não parou por aí. Estimulou os irmãos e, depois de formado, custeou os estudos de sobrinhos, inspirou familiares e não mediu esforços para proporcionar a melhor educação às filhas.

Médicos e profissionais de diversas áreas, uma nova geração com outro horizonte, uma nova visão de mundo. Uma família que havia construído sua posição a partir da terra passou a construí-la no estudo. O eixo girou. A terra não foi esquecida, afinal, nossas origens fazem parte de nós. Mas tornou-se símbolo de afeto, e não de sobrevivência.

Então, volto ao estudo da minha linha materna — para Laranjeiras, para a igreja, para o assento de óbito que encontrei durante a pesquisa — aqui, o mesmo princípio se confirma por outro ângulo.

Laranjeiras hoje é um distrito de Banabuiú. Mas, no tempo do meu pentavô, era um núcleo importante na formação comunitária no sertão cearense. A igreja não era apenas um espaço de fé, era o centro organizador da vida social: batizados, casamentos, enterros, festas, alianças. Participar da fundação de uma igreja era participar da fundação de um lugar.

Por isso, encontrar o nome do meu pentavô naquele livro de registros foi entender que aquela família havia fincado raízes que sustentaram uma comunidade por gerações. E ainda sustenta.

Cada ramo da árvore genealógica tem uma base, um chão. Cada geração se enraíza num lugar, numa rede de relações, numa determinada experiência do tempo. Há famílias cuja memória se prende à seca; outras, ao litoral; outras, ao comércio, à escola, à igreja, à terra, ao caminho de migração. E todas elas se ligam à história do Brasil.

Quando estudamos o território vivido, deixamos de olhar apenas para o nome do antepassado e começamos a enxergar o mundo que o cercava. A cidade onde viveu representa, na verdade, um contexto: o tipo de trabalho que ali predominava, as instituições que organizavam a vida, as possibilidades que existiam, estilo de vida, formas de lazer existentes.

A história local revela o que os grandes relatos nacionais podem não mostrar com clareza: a importância das famílias na organização comunitária, a centralidade de uma igreja, a formação de caminhos, o valor do comércio, o papel da terra, a força das relações de parentesco, o lugar da escola.

Como situar uma vida na história

A proposta desta etapa é que cada um escolha uma pessoa de sua árvore genealógica e comece a investigar sua trajetória no espaço e no tempo.

Onde viveu? Permaneceu sempre no mesmo lugar ou mudou ao longo da vida? Por onde passou? Onde se estabeleceu? De onde saiu? Que circunstâncias podem ter influenciado esse percurso?

Para responder a essas perguntas, é preciso ir além da árvore. É preciso estudar o lugar. Conhecer a história da cidade, do povoado, da comunidade ou da região onde esse antepassado viveu é uma maneira de se aproximar concretamente da sua existência.

Podemos perguntar: como era a paisagem daquele lugar no tempo em que meu antepassado viveu? Que formas de trabalho predominavam? Havia escola? Que papel tinha a religião? Como se deslocavam as pessoas? Que dificuldades marcavam aquele tempo? Quais eram as tradições daquele lugar? Como era viver ali naquele tempo? Como eram as ruas, as moradias?

Essas perguntas ampliam nossa visão e dão maior completude ao nosso estudo. A pessoa da árvore deixa de ser um nome numa linha ascendente e volta a ser alguém que viveu em um determinado mundo, com suas possibilidades e seus limites.

Nem sempre teremos todas as respostas. Há perguntas que os documentos não respondem e que a memória oral já não guarda. Outras, talvez, estejam guardadas nos documentos, mas ainda precisam ser encontradas.

Da história local à história do Brasil

O lugar onde um antepassado viveu não existe isolado. Ele faz parte de uma região. A região faz parte de um país.

É por esse caminho — do local ao regional, do regional ao nacional — que chegamos à história do Brasil, como resultado de experiências concretas vividas por famílias reais, em lugares reais.

Um exemplo para facilitar o entendimento: meu pentavô paterno, que viveu no sertão de Quixeramobim e tinha atuação política, teve seu nome publicado no Diário do Governo, em 1823, na lista dos Cidadãos Beneméritos, por seu apoio à Independência do Brasil no Ceará. Ele fez parte da junta governativa e enviou comunicações a José Bonifácio, o patriarca da independência do Brasil. Posteriormente, esse mesmo antepassado, descontente com o rumo político que o Brasil tomava, participou da Confederação do Equador e, junto ao seu grupo, declarou a cidade de Quixeramobim independente do Brasil, em 1824.

Esse fato aconteceu em Quixeramobim e faz parte da história do Brasil. O sertão cearense que formou minha família não é uma exceção na história do Brasil. É parte dela. O território que atraiu portugueses, a concessão de sesmarias e o desbravamento do sertão para a criação de gado, a fixação de famílias em torno de rios, a formação das comunidades em torno das igrejas, a chegada de famílias do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, que ajudaram a ocupar e organizar o interior do Ceará, as revoluções, a transformação, no interior, do valor da terra em valor da educação ao longo do século XX; tudo isso são fios da história brasileira, não apenas da história de uma família.

Quando uma família se estabelece numa região, participando, assim, de sua formação, isso é história regional. Quando uma geração precisa se deslocar por causa da seca, isso é história social do país. Quando um homem deixa o

sertão para estudar num tempo em que mudar era difícil, e puxa os irmãos e os sobrinhos para a mesma experiência, e proporciona à sua descendência uma nova realidade, isso também se relaciona com transformações vividas por outras famílias nordestinas no mesmo período.

A história do Brasil, vista dessa forma, é uma rede de trajetórias humanas. Trajetórias como as da sua família e como as da minha.

Perguntas para orientar o estudo

Ao escolher a pessoa da árvore que será observada nesta etapa, estas perguntas podem guiar a investigação:

- Onde essa pessoa viveu?
- Permaneceu sempre no mesmo lugar ou mudou ao longo da vida?
- Por onde passou? Onde se estabeleceu? De onde saiu?
- Que circunstâncias podem ter influenciado esse percurso?
- Como era a cidade, a comunidade ou a região em que viveu?
- Que aspectos da história daquele lugar ajudam a compreender sua trajetória?
- O que essa vida revela sobre a história regional?
- De que maneira essa experiência se relaciona com processos mais amplos da história do Brasil?
- Como era a cidade naquele tempo? E o estado?

Quando estudamos a memória, voltamos ao passado e aprendemos a reconhecer, no interior das trajetórias familiares, a presença viva da história.

Esse estudo nos leva a perceber que a história não vive apenas nos grandes acontecimentos. Ela habita os lugares onde nossos antepassados nasceram, permaneceram, migraram, trabalharam, fundaram, perderam e recomeçaram.

Quando encontrei o nome do meu pentavô materno naquele livro de registros de Laranjeiras, não estava apenas recuperando um dado genealógico. Estava me conectando ao lugar. Estava entendendo que aquela família havia ajudado a construir um pedaço do Ceará, hoje um símbolo histórico da região, e que essa história também me pertence.

A árvore genealógica, quando situada no tempo e no espaço, deixa de ser um esquema de nomes e passa a ser um mapa de experiências. Cada ramo tem um chão. Cada nome tem um lugar. Cada nome e cada lugar têm uma história, e muitas vezes essas histórias estão entrelaçadas.

E essa história, como compreendemos neste ciclo de estudos, também é a nossa.

Anapuenta Havena

COMO CITAR

HAVENA, Anapuenta. Lugar na História: Ciclo de Estudos Memória e Herança. Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em: <https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/lugar-na-historia>.